



Publicado originalmente em: VIII EREGEO – Encontro Regional de Geografia. *A geografia no mundo da diversidade*. Cidade de Goiás. 2003.

IDENTIDADE CULTURAL E TURISMO NO MUNICÍPIO DE GOIÁS NO PERÍODO DE 1989-2004^[1]

Renata Batista Lopes. Email: renatageoufg@pop.com.br
Ana Paula Costa Rodrigues. Email: papaulacr@yahoo.com.br
Orientador: Alecsandro José Prudêncio Ratts. E-mail: ratts@iesa.ufg.br
Universidade Federal de Goiás

1- Apresentação

A escolha do presente tema para um projeto de iniciação científica advém do interesse pessoal dos acadêmicos que compõem o grupo de pesquisa, pela Geografia Humanística-Cultural, com as abordagens temáticas possíveis dentro desta corrente do pensamento, bem como com as categorias e conceitos geográficos pertinentes a este trabalho como: cultura, turismo, espaço, identidade, entre outras afins. Nosso grupo reconhece a relevância das leituras do espaço geográfico que privilegiam essas categorias e conceitos, principalmente turismo, cultura e identidade, abordagens recentes e ainda questionadas quanto a seu método e relevância nos estudos da Geografia. Portanto, busca-se através do entrelaçamento da cultura e do turismo desvendar os processos e elementos culturais que caracterizam os diferentes paisagens e lugares do centro histórico de Goiás.

De fato na Geografia Humana desde o seu nascimento as realidades culturais ocupam um lugar importante, porém numa ótica reducionista, não se preocupando com as relações humanas, com a importância da dimensão vivida dos espaços contidos nestas realidades. Mas após os anos 1970/80, “em reação ao positivismo lógico, à quantificação exagerada, e às explicações mecanicistas, deterministas, reducionistas, de uma geografia sem homem” Gomes (1996, p.306) inicia-se, um processo de conscientização dos geógrafos de que não se explica satisfatoriamente o espaço apenas nas diferenciações fragmentadas já tão consideradas, como por exemplo, diferenciações físico/naturais, mas também através da interpretação de fatos culturais, das diferenciações resultantes da aproximação, da convivência e indagação dos



espaços sobre sua identidade. Assim o espaço passa a ser visto sob diferentes ângulos e significações: dos valores, da alienação, da distancia existencial, do comportamento e do mundo vivido.

A Geografia Humanista, em sua posição epistemológica holística, compreende que, ainda que se parta/origine de um ponto de partida antropocêntrico, a ação humana não pode estar separada de seu contexto, seja ele social ou físico. Portanto, é importante para os humanistas as propriedades fundamentais dos contextos particulares, produzidos pelo homem através da cultura – cultura no sentido de atribuição de valores às coisas que nos cercam – que só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram GOMES (1996, p.311).

Portanto, com se observa, a Geografia Cultural, apesar de renovado campo de conhecimento, que alia aspectos culturais e geográficos, tem na Geografia Humana suas primeiras contribuições, até chegar a caracterização das grandes problemáticas atuais, em que elege a cultura como componente nas relações entre o homem e o meio e nas relações sociais. Este novo viés de exploração dos estudos geográficos nasce da diversidade dos gêneros de vida e das paisagens, transforma-se com a urbanização e a industrialização, para ligar-se hoje às representações e aos sentimentos de identidade. O espaço aqui além de vivido é cultural. Vivido enquanto espaço das relações sociais e da identidade cultural, a verdadeira identificação oriunda do sentimento de pertencimento dos diferentes agentes sociais. A cultura identifica-se com o modo de vida de determinada população, com todo o conjunto de regras e comportamentos pelos quais as instituições sociais adquirem um significado para os agentes sociais e através dos quais se encarnam em condutas mais ou menos codificadas. A cultura indica um conjunto histórico e geograficamente definido das instituições de determinada sociedade, designando as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, suas técnicas, costumes políticos e os vários usos que caracterizam a vida cotidiana.

A cultura, que é um campo de estudo comum para o conjunto das ciências humanas, revela-se, na atual conjuntura de tendência à homogeneização e revalorização dos espaços, um elemento essencial na diferenciação das “sociedades complexas”, pois como esclarece Claval (2001, p.63):

“A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é



herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. (...). A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio”.

O sentido do conceito de identidade empregado na Geografia está relacionado ao âmbito da Antropologia, ou das Ciências Sociais, entendido numa perspectiva relacional frente à alteridade, pois em uma perspectiva geográfica a compreensão da identidade de um grupo diante do seu espaço, se dá em uma interação entre as escalas regional, local, nacional, em uma relação de semelhança ou de igualdade.

A identidade cultural pode ser analisada a partir dos conceitos social e cultural. O conceito de social aqui considerado diz respeito à totalidade das relações – de produção, de exploração, de dominação – que os grupos mantêm entre si dentro de um mesmo conjunto – etnia, lugar, região, nação – e para com outros conjuntos. Portanto, a cultura, nada mais é do que o próprio social, mas considerado, sob o ângulo dos diferentes comportamentos individuais dos membros deste grupo, bem como suas produções originais.

Portanto, compreende-se que a identidade cultural é uma relação/processo de reconhecimento que o sujeito social realiza ao viver numa cultura e assume como algo próprio, os valores/elementos característicos de uma determinada cultura, ou seja, é a forma como os sujeitos sociais incorporam e expressam – através da vivência - os elementos da cultura dos grupos do qual fazem parte, – alteridade -. Portanto, sendo a cultura, e conseqüentemente a identidade cultural alterada sob o efeito de iniciativas ou das inovações que florescem no seio da sociedade, o turismo revela-se um elemento importante na compreensão dessas alterações. O turismo enquanto atividade oficial surge no Brasil na década de 1960, com a criação do Conselho Nacional do Turismo – Embratur – e desde então, vem sendo estimulada nos planos de desenvolvimento por ser uma das atividades de crescente importância econômica. No início da década de 1990, deu-se para a política nacional, a invenção do turismo como forma de promover a valorização e preservação do patrimônio natural e cultural. A paisagem, com essa política adquire novo valor, conferido pelo olhar do turista, antecipado pelo do mercado.

O turismo, enquanto atividade que atende a lógica do mercado e do consumo capitalista, revela-se na atualidade um grande transformador da valorização dos espaços, uma vez que estes espaços são transformados em mercadorias consumidas pelo turista. Há também



modificações nas relações que se desenvolvem com este espaço e sobre este espaço, uma vez que há a valorização e/ou recriação de hábitos locais/regionais. Portanto a invenção do objeto de estudo do turismo se dá através da combinação entre o natural e o cultural, sendo que a cultura atribui significados àquele primeiro. Assim, a cultura como produto das relações entre os homens e o seu lugar, que dá sentido a este lugar, subsidia a invenção do objeto turístico. Portanto eis a importância de se revisitar a identidade cultural vilaboense.

2- Justificativa

A história da cidade de Goiás está ligada ao processo de colonização da região do cerrado brasileiro. “O Arraial de Santana, hoje cidade de Goiás, foi fundada em 1727, como núcleo de mineração de ouro, pelo bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, às margens do Rio Vermelho” (Moraes, 2002). A partir de 1770, com o esgotamento das minas, a atividade mineira entrou em decadência. A criação de animais e a agricultura de subsistência passaram a ser as principais atividades na região. Portanto, são os mineiros^[2] que aqui/lá permanecem que vão fornecer os elementos culturais para a gênese de uma cultura e identidade “goiana”.(?) A cidade de Goiás preserva um espaço com características culturais e arquitetônicas do período colonial, construído com a colaboração dos moradores – índios, colonizadores, negros e frutos dessa miscigenação - ao longo do processo histórico, fatores essenciais para esta tornar-se Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

A economia da região, no período minerador, apoiou-se no trabalho escravo, tanto africano quanto indígena. O Goyases, oriundos do império Jê, eram os habitantes primitivos da região onde foi fundada a cidade de Goiás. Segundo Salles (Apud)“o índio e o africano estiveram presentes desde as primeiras expedições á região. Eles constituíram a mão-de-obra escrava, realizavam, além do trabalho extrativo e lavourista, serviços domésticos, artesanais, de tecelagem, destilaria de aguardente e transporte”(Moraes, 2002, p. 15). Portanto pode-se afirmar que o Arraial de Santana foi berço da cultura e identidade goiana, espaço.a fornecer os elementos culturais para a gênese de nossa cultura, bem como registra-la para as gerações futuras, em sua paisagem composta por edifícios, casarios, igrejas, ruas, monumentos e na memória de seu povo, através das tradições preservadas.



Com uma realidade muito individual, interiorana, tradicional, pacata, Goiás vive da atualidade dos tempos globais, não escapando à instantaneidade da informação. Apesar de viver manifestações particulares com forma, função e valores que lhe são próprios, estes estão sendo apropriados pela ação da lógica do mercado e do consumo capitalista por meio do turismo. O espaço local de resistência quando do impacto de novos eventos globais (Santos,), com suas especificidades históricas, geográficas, culturais, religiosas e cotidianas se subverte a lógica de mercado para nele se inserir. Adaptando sua culinária, artificializando suas festas e crenças.

Até a primeira metade do século passado, entendia-se Patrimônio cultural como as obras de arte no espaço, ou seja, a pintura, a escultura e a arquitetura, associadas às classes dominantes, pertencentes à sociedade política ou civil. Mas atentou-se para a existência de outras artes, aquelas que transcorrem no tempo, como a dança, a literatura/teatro e a música, e que também são parte importante do patrimônio cultural artístico, mas, por não terem a mesma materialidade que os anteriores, é complexa sua qualificação como “bens”, donde sua quase permanente exclusão das preocupações oficiais com a questão do patrimônio (Barreto, 2000, p.10)

A complexização da qualificação das manifestações culturais específicas de um lugar enquanto “bem”, está justamente no fato destas ao contrário dos “monumentos que são tidos como mediadores entre o passado e o presente, capazes de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional que são particulares de um lugar ou região”. Donde seu “consumo” só é possível através da vivência /apreensão e da identificação com estas manifestações culturais, muito particulares: maneiras específicas de homens e mulheres de pensar, de se relacionar, de trabalhar, de distrair, reagir frente os acontecimentos, como o nascimento, a doença, a morte. Mas como esclarece Barreto (2000, p. 11) esta noção estrita de patrimônio tende a ampliar-se:

“Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano. E não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.”



A UNESCO, para atribuição do título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade leva em consideração os monumentos, as edificações e os sítios - , sendo que todos estes devam ter um valor de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências, e em específico no caso dos sítios deve-se considerar o ponto de vista da estética, da etnologia ou da antropologia. Assim, para fazer jus ao título foi necessária uma série de adaptações e restaurações no centro histórico.

Com a concessão do título, há um incentivo natural à intensificação do turismo na cidade, tanto por parte do Estado quanto da iniciativa privada, o que pode favorecer um estranhamento entre este “novo espaço”, transformado em objeto turístico e a população local. Pois como esclarece Almeida (1998, p. 22):

“Quanto à incorporação de novos territórios até então menosprezados, decorre na maioria dos casos, do olhar extasiado do forasteiro, vindo quase sempre de longe admirando paisagens estereis para se dar conta do valor das mesmas. Para a população local a apreensão do valor do novo lugar se faz lentamente, pois este novo valor até então não fazia parte nem do seu sistema de valores”.

Portanto, faz-se necessário compreender as possíveis implicações destas modificações e revalorizações deste espaço na vivência dos moradores tanto do centro histórico quanto da periferia(?). Como eles vivenciam esta nova função da cidade, e as implicações com sua identificação com a mesma. Contudo para compreender o ritmo dessas alterações e como elas estão dando-se, faz-se necessário uma panorâmica das manifestações culturais da Cidade de Goiás, no período de 1989 a 2004, e lembrando que: “Toda identidade só se define e se faz mais evidente em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas”. Haesbaert (1999, p.175).

4-Problematização

Quais foram às transformações sócio-culturais ocorridas neste período? Quais suas influências no cotidiano da população local? Quais as influências do turismo na relação cotidiano deste lugar, principalmente após a atribuição do título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade? E quais suas implicações positivas e/ou negativas na identidade cultural, uma vez que atrações culturais, geralmente reagrupadas em patrimônio artístico,



patrimônio sócio-cultural, eventos esportivos e artísticos refletem uma identidade cultural?
Quais são as novas relações que se desenvolvem neste espaço?

5- Hipóteses

Em função da adequação do espaço de vivência da população da Cidade de Goiás aos requisitos para a atribuição do título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e conseqüentemente ao turismo, a cultura e a identidade da população com este “novo lugar” objeto turístico, passa por um processo de revisão e revalorização dos aspectos culturais por parte desta população, em que alguns desses aspectos são privilegiados em detrimento de outros, em função da demanda do mercado turístico.

6-Objetivos

Neste sentido, busca-se compreender a identidade cultural dos moradores da cidade de Goiás e evidenciar as transformações nessa identidade no período de 1989 a 2004, decorrentes do turismo no fluir do cotidiano, da vivência dos moradores deste município, decorrentes da construção deste “novo lugar”, resultado da atribuição do título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, que tende a evidenciar possíveis estranhamentos resultantes da utilização tradicional/quotidiana do lugar e do poder transformador da adequação deste lugar à prática do turismo.

6-Referencia Bibliográfica

ALMEIDA, Maria Geralda de [et al]. **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

_____ (org.). **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2002.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura-invenção e construção do objeto turístico. In: **Espaço aberto- turismo e formação profissional**. Fortaleza: UFC, 1998.

BARRETTO, Margarita. **Turismo legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.

Batista, Ondimar. **Visões de Pirenópolis: o lugar e os moradores face ao turismo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.



- CARIOLANO, Luzia Neide Teixeira (org). **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime (org). **Turismo e patrimônio cultural**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: CORRÊA, Roberto Lobato.
- ROSENDABL, Zeny. **Geografia cultural - manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro:UERJ, 1999.
- MORAES, Dominga Correia Pedroso. **Cidade de Goiás: patrimônio histórico, cotidiano e cidadania**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- PALACIN, Luis; Moraes, Maria Augusta Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: UFG, 1975.

^[1] Projeto desenvolvido durante a disciplina de Iniciação a Pesquisa em Geografia

^[2] São aqui considerados como mineiros toda a gama de pessoas que estavam aqui em decorrência da mineração

